

Gasto chamou atenção

FERNANDA ODILLA

DA EQUIPE DO CORREIO

Cartões corporativos da organização não-governamental Caminhar foram usados para comprar jóias de até R\$ 7,3 mil e pagar contas de mais de R\$ 500 em restaurantes em Brasília. Depois que Operação Aquarela foi deflagrada, os gastos extravagantes e os saques milionários — mais de R\$ 1,2 milhão em apenas três dias de fevereiro deste ano — da ONG só reforçam a suspeita de desvio e lavagem de dinheiro, envolvendo a cúpula do BRB.

O primeiro a desconfiar do esquema de lavagem de dinheiro envolvendo a cúpula do BRB foi um funcionário do Banco do Brasil, que levantou os gastos dos cartões corporativos e fez denúncia ao Ministério Público do Distrito Federal. Em janeiro de 2007, o bancário reparou que saques de valores altos estavam sendo

feitos por uma mesma pessoa, que usava um cartão Ourocard Empresa pré-pago emitido em nome da Caminhar. Era Nilson Lacerda Wanderlei, funcionário do Banco do Brasil licenciado. Segundo a denúncia encaminhada ao MP, Wanderlei teria afirmado “estar lavando dinheiro para o senhor Juarez Cançado (secretário geral da Associação dos Bancos Comerciais Estaduais – Asbace)”.

Esse funcionário do BB teria verificado a origem dos recursos depositados na conta corrente da Caminhar e descoberto que a maioria do dinheiro vinha da empresa ATP Tecnologia e da Asbace, ligadas a Juarez Cançado. Teria verificado também que a ONG havia recebido apenas repasse de R\$ 106,8 mil do governo federal durante o ano passado.

O advogado Cleider Fernandes, que defende Wanderlei, afirmou que seu cliente nega as acusações.